

## **ENXERGANDO EVIDÊNCIAS**

### **Arquitetura e Urbanidade no Centro de Florianópolis**

**Bernardo Seleme de Menezes Bahia**

Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Orientador da dissertação: Prof. Dr. Almir Francisco Reis

E-mail: [bernardo@blasibahia.com.br](mailto:bernardo@blasibahia.com.br)

#### **RESUMO**

Este trabalho analisa o centro de Florianópolis e os atributos espaciais que qualificam seus espaços urbanos e reforçam sua vitalidade. Destaca-se o entorno da Praça XV de Novembro como estudo de caso, resgatando seu processo histórico de crescimento e realizando análise morfológica para identificar características que potencializam ou desestimulam sua urbanidade.

A metodologia utilizada para análise parte da forma urbana e da distribuição de usos e atividades no tecido urbano, vinculando estas leituras à efetiva apropriação do espaço público, observadas *in loco*.

Nota-se que a estrutura urbana oriunda da colonização de Florianópolis favorece morfológicamente as relações sociais no espaço público. Contudo, nota-se que transformações recentes tendem a gerar espaços carentes de tais atributos. Assim, este trabalho busca conhecer os atributos espaciais que qualificariam a vida urbana no centro da cidade, reafirmando seu potencial de urbanidade em termos locais e proporcionando efetiva integração com o todo da estrutura urbana em que está inserido.

**Palavras chave:** Arquitetura, Urbanidade, Área Central, Florianópolis.

#### **ABSTRACT**

This paper analyzes the center of Florianópolis and its spatial attributes that qualify its urban spaces and enhance their vitality. The surroundings of the November XV Square is highlighted as a case, restoring its historical process of growth and performing morphological analysis to identify characteristics which potentiate or discourage urbanity.

The methodology starts with the analysis of the urban form and the distribution of uses and activities in the urban fabric, linking these readings to the truly appropriation of public space, observed in situ.

It is visible that the urban structure originated from Florianópolis colonization morphologically favors social relations in public space. However, it is noted that recent changes tend to generate underserved areas of such attributes. This work seeks to understand the spatial attributes that qualify the urban life in the city center, reaffirming its potential urbanity in local terms and providing effective integration with the urban structure in which it is inserted.

**Key words:** Architecture, Urbanity, Central Area, Florianópolis.

## 1. O CENTRO DE FLORIANÓPOLIS

Florianópolis é a capital do Estado de Santa Catarina – região sul do Brasil. Localiza-se no litoral central do estado e tem seu território de 452km<sup>2</sup> distribuído parte em porção continental e parte insular – com cerca de 93% representado pela Ilha de Santa Catarina, principal referência territorial da cidade. O município possui população aproximada de 480.000 habitantes, que somada aos municípios conurbados – Biguaçu, São José e Palhoça, chega a quase 1.000.000 de habitantes. A forte vocação para o turismo faz com que a população da cidade quase dobre nos meses de alta temporada. Junto ao turismo, a administração pública e o comércio são responsáveis por pouco mais da metade da economia local. Além destes, cresce no município um forte setor de desenvolvimento tecnológico, que corresponde a mais de 40% de seu PIB.

A ocupação paulatina da Ilha de Santa Catarina deveu-se à sua importância geográfica no Brasil Meridional dos séculos XVII, XVIII e XIX. As duas baías com características distintas constituem ancoradouros adequados à navegação em diferentes condições de tempo. Dado isto, o porto instalado em sua porção continental e entre as duas baías, foi definidor da centralidade urbana que se iniciava. Com a organização dos núcleos de colonização em freguesias pelos açorianos, a posição do núcleo original da cidade permitiu integração marítima e terrestre entre a área central (continental e insular) e os demais pontos de ocupação na Ilha. Cabe ressaltar que a localização privilegiada permitiu tanto um porto de abastecimento, como de apoio militar, além de viabilizar fácil acesso ao continente.

A Praça XV de Novembro e seu entorno constituem o núcleo central que deu origem ao processo de evolução urbana da cidade de Florianópolis. A partir de seu núcleo inicial, a cidade se desenvolveu em direção às várzeas, córregos e fontes de água e, posteriormente às áreas com declividade mais acentuada.

As transformações ocorridas no final do século XIX e início do século XX trouxeram uma nova configuração à área, com novas edificações, obras de iluminação, saneamento e de infra-estruturas. A desativação do porto continental, a implantação das pontes e a construção de aterros viários foram alguns dos fatores resultante deste crescimento e que contribuíram para sua transformação espacial urbana.

Principalmente devido ao desenvolvimento da atividade turística, a parte insular da cidade passou por diferentes momentos e transformações que condicionaram e condicionam a estrutura urbana hoje existente. A mudança do transporte marítimo para o rodoviário, iniciada na década de 1920 – a partir da inauguração da Ponte Hercílio Luz, estende-se até os dias de hoje. A partir dos anos 1970 o crescimento de Florianópolis sofreu radical aceleração.

O aterro da Baía Sul se constituiu num acréscimo cuja função principal foi a de abrigar o sistema viário de acesso a Ilha, através das Pontes Colombo Machado Salles, num primeiro momento, e Pedro Ivo Campos, em seguida. Este acréscimo afastou o mar da região e a Praça XV e seu entorno perdeu a relação que mantinha com a orla, seja através do porto, trapiches ou borda d'água. Esta relação não mais se estabeleceu em função do sistema viário de grande porte que separa o centro da orla. Da mesma maneira, ocorreu com o aterro da Baía Norte e sua área lindeira.

O Centro da cidade situa-se, portanto, na porção insular que mais se aproxima do continente sendo por ali feitas as únicas ligações entre ilha e continente através das pontes Pedro Ivo Campos, Colombo Salles e Hercílio Luz, esta última desativada e ainda em fase de recuperação, mas importante símbolo da cidade.

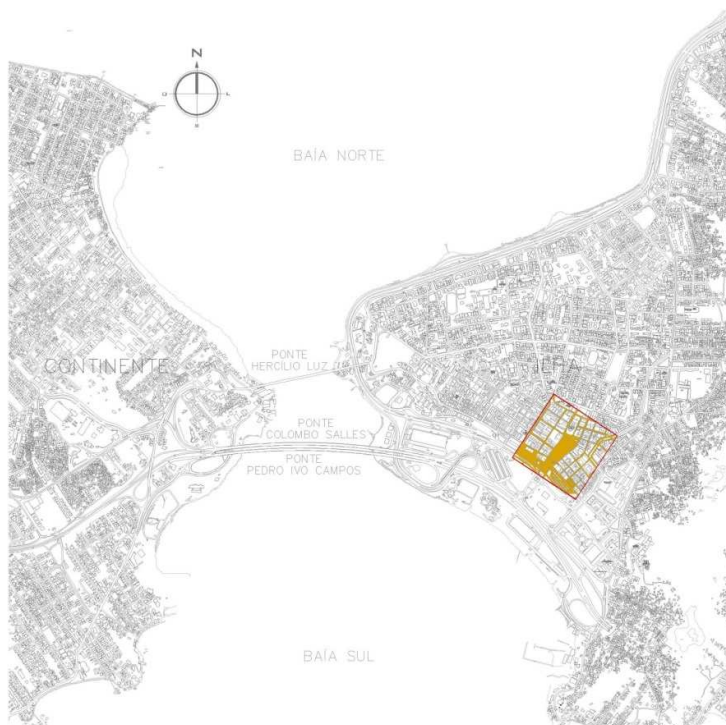


**MAPA 01 – Florianópolis insular e continental.**

Juntamente a seus municípios vizinhos com destaque para a porção central.

Fonte: Produzido pelo autor sobre mapa cadastral.

Escala 1:400.000



**Mapa 02 – A Praça XV de Novembro.**

O recorte em estudo de caso e seu entorno, destacados em meio à área central da cidade.

Fonte: Produzido pelo autor sobre mapa cadastral.

Escala 1:40.000

## **2. A PRAÇA XV DE NOVEMBRO E SEU ENTORNO**

O núcleo central da cidade de Florianópolis, também denominado centro histórico, “o centro do Centro”, é constituído pela Praça XV de Novembro e seu entorno, e ainda hoje mesmo com a expansão e crescimento da cidade em outros vetores é tido como seu centro funcional. Seu traçado urbano, conforme descreve VEIGA (2010), seguiu as normas portuguesas do século XVIII definindo “como núcleo gerador a praça de frente para o mar”, destacando as edificações religiosas e públicas: a praça ao centro e de frente para o mar (ao sul), a igreja (ao norte) o palácio no governo (à oeste) e a casa de câmara e cadeia (à leste).

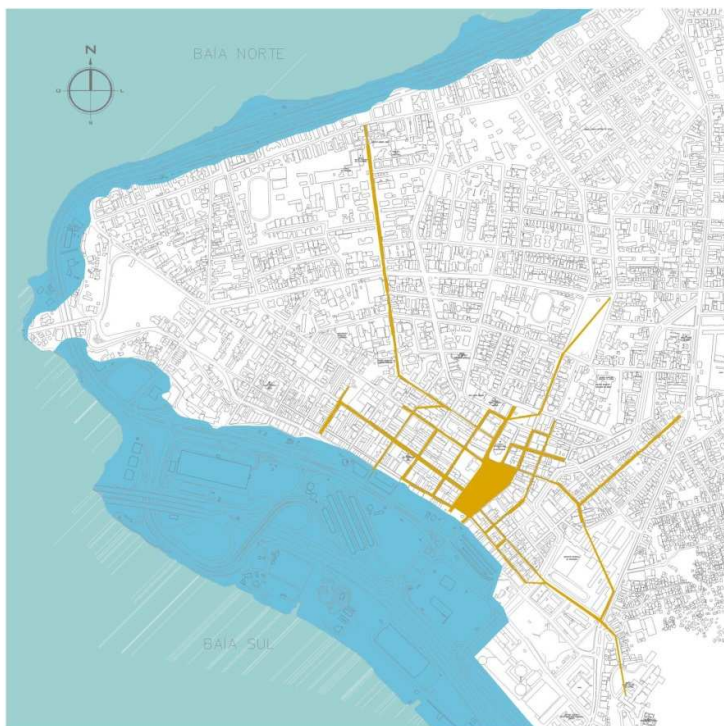
As edificações ditas civis eram mais precárias. As habitações tinham uma relação com a rua expressa na fachada, sendo comum o uso da meia-porta, com o intuito de evitar o acesso de animais. Ao longo do tempo estas características foram se transformando. Dentre as edificações mais significativas da época, destacamos: A Igreja Matriz, o Palácio do Governo, a Casa de Câmara e Cadeia, o prédio dos Correios, o antigo Mercado Público, a antiga Alfândega, o Trapiche Municipal, debruçados sobre o mar.

As transformações ocorridas no final do século XIX e início do século XX trouxeram uma nova configuração à área, com novas edificações – que procuravam garantir unidade ao conjunto – obras de iluminação e saneamento, e inserção de nova vegetação na praça e a retirada das grades. As edificações que abrigavam as repartições públicas tornam-se referenciais, como é o caso da Secretaria da Fazenda, Obras Públicas e Agricultura, ao lado do Palácio do Governo. O conjunto formado pelo Trapiche, o bar Miramar e o Hotel Laporta (moderno à época, com quatro pavimentos e elevador) dividiram, por muitos anos a atenção dos transeuntes.

Neste contexto o centro urbano se propagou a partir do núcleo da Praça XV de Novembro, segundo eixos de expansão, dando origem a conjuntos urbanos de características distintas:

- O Leste da Praça XV – expansão inicial a leste da praça;
- O Oeste da Praça XV – expansão à oeste da praça e seus eixos de expansão;
- O Centro Expandido – eixos de expansão mais recentes, em direção ao norte;
- A Baía Sul – acrescido de área decorrente do aterro na baía sul.

A Região da Praça XV de Novembro, em Florianópolis, constitui um rico material para realização de estudos acerca das implicações da configuração urbana como estruturadora da rede de espaços públicos. Neste sentido, o espaço público configurado nesta área foi analisado a partir dos limites e das possibilidades que estabelece para uma efetiva apropriação a partir de sua forma e da distribuição dos usos e atividades. Ou seja, verifica através da malha urbana, o modo como a forma dos espaços públicos propostos é propícia ou restritiva à vida urbana e às interações sociais nas áreas públicas, e como ela pode ser alterada com o intuito de oportunizar melhoria nestas relações. Para tal, foram inferidas reflexões a respeito do papel que esta centralidade desempenharia enquanto articuladora do centro como um todo e criadora de um campo de encontros naturais, não programados e socialmente diversos. Foram realizadas leituras em diferentes escalas, analisando barreiras espaciais, permeabilidades e uso do solo, que incluíram o estudo das configurações locais e do todo do espaço urbano proposto, bem como o estudo da articulação do recorte analisado e os conjuntos urbanos adjacentes.

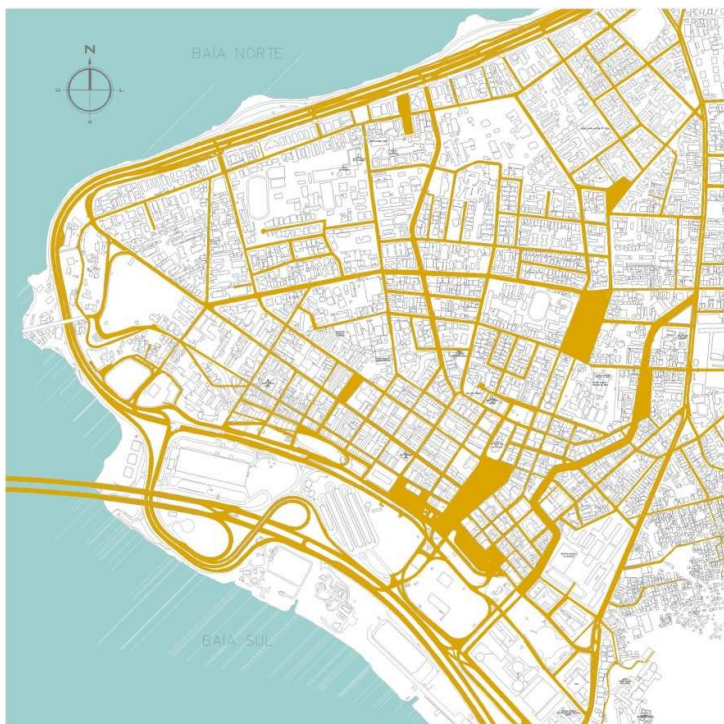


**Mapa 03 - O Centro de Florianópolis em 1754.**

O início da centralidade que se desenvolveu a partir da Praça XV de Novembro.

Fonte: Produzido pelo autor com informações de VEIGA (2010) sobre mapa cadastral atualizado.

Escala 1:20.000



**Mapa 04 - O Centro de Florianópolis nos dias atuais.**

A ocupação viária consolidada da área central e dos aterros da Baía Norte e Sul.

Fonte: produzido pelo autor com informações de VEIGA (2010) sobre mapa cadastral atualizado.

Escala 1:20.000

### **3. SOBRE URBANIDADE E A METODOLOGIA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO**

O conceito de urbanidade, como aqui entendido, referente a capacidade que ambientes urbanos têm de criar apropriações intensas e diversificadas no decorrer do tempo, é um tema bem recente. Foi basicamente trazido à tona a partir da segunda metade do séc. XX, quando alguns pensadores de diferentes áreas, perceberam que as cidades que estavam sendo criadas estavam carentes. Carentes de urbanidade.

A partir daí, diversos estudiosos passaram a levantar questões, discutir e estudar a urbanidade e suas causas e decorrências. Algumas teorias foram criadas e metodologias foram propostas em campos pertinentes à urbanidade – vitalidade, animação, co-presença, legibilidade, diversidade, etc. Todas com uma premissa em comum: melhorar as cidades para os usuários, as pessoas.

No que se refere à forma dos espaços públicos, o trabalho parte da teoria de Camilo Sitte. SITTE (1992) aborda questões relativas à apropriação do espaço público, analisando as ruas e as praças como lugar de passagem e encontro, mesmo que sua análise esteja mais relacionada à estética urbana. Os demais autores referenciados –Jane Jacobs, Bill Hillier, Frederico de Holanda e Jan Gehl – estudam o espaço público, principalmente quanto a seu papel nas relações sociais. Portanto, as formas do espaço público são aqui entendidas como um campo que favorece ou dificulta o movimento e a interação entre os usuários. JACOBS (2003) e HILLIER (1984) abordam – implícita ou diretamente – a forma urbana como influente nas práticas de vivência e relacionamento entre os diferentes grupos sociais.

Neste contexto, o espaço público possui atributos que são propícios ou restritivos às relações de trocas sociais, ou seja, o espaço público qualificado permite o reconhecimento mútuo dos usuários, se constituindo na base de sustentação do modo de vida de diferentes grupos. Principalmente com os estudos de Bill Hillier, Julianne Hanson e Frederico de Holanda, entendeu-se que os mesmos elementos que contribuem para a urbanidade podem desfavorecê-la, caso não arranjados de maneira adequada. É no arranjo espacial destes elementos que se potencializa ou desestimula a urbanidade. A diferença entre este arranjo espacial que conforma os lugares, as cidades, e os elementos que o compõem qualitativamente é o que este trabalho se propõe a levantar a partir de agora, especificamente tendo como estudo de caso o Centro de Florianópolis.

#### **As dimensões morfológicas da arquitetura**

“Ao descrevermos uma cidade, ocupamo-nos predominantemente de sua forma, essa forma é um dado concreto que se refere a uma experiência concreta” (ROSSI, 1995, p. 13).

As dimensões morfológicas da cidade dizem respeito à compreensão da arquitetura que a configura e seus aspectos. A arquitetura, aqui entendida como locus espacial, e seus elementos constituintes, pode ser compreendida como uma variável sob dois aspectos: aspectos “dependente” e “independente”, ao mesmo tempo. Seus efeitos sobre o comportamento das pessoas e sobre o domínio público e a efetivação da urbanidade, como importa a este trabalho.

Como variável dependente, segundo HOLANDA (2006, p. 2), decorre do “ambiente sócio natural em que se realiza; conhecimento científico-tecnológico, interesses econômico-político-ideológicos (ambiente social)”. Já, como variável independente, os efeitos são decorrentes da arquitetura.

Segundo Gehl, as cidades mais convidativas obrigatoriamente devem possuir um espaço público cuidadosamente desenhado, a fim de reforçar a vida cidadina. Ainda, ressalta que “a vida na cidade é um processo que se auto-reforça em potencial” (GEHL, 2010, p. 65). A teoria do arquiteto dinamarquês entende a vida na cidade como um processo e não apenas como uma resultante. Para tanto, Gehl levanta alguns aspectos que contribuem para a qualidade da vida nos espaços públicos e consequentemente para a urbanidade destes lugares: densidade, tempo de permanência, transições público x privado, atividades nas bordas do espaço público, ritmo de fachadas e portas para o espaço público.

## **A dimensão humana da cidade**

“Para ser um bom arquiteto, você tem que amar as pessoas, porque arquitetura é uma arte aplicada e emoldura as vidas das pessoas.” (Ralph Erskine in GEHL, 2010, p. 229)

Por um longo tempo na história do planejamento das cidades a dimensão humana foi deixada de lado ou esquecida. Foram sempre criados novos paradigmas ou necessidades e a condição humana de uso e vida urbana apenas se adaptou às imposições dos novos tempos. As próprias forças de mercado que teoricamente deveriam privilegiar seus compradores e usuários foram responsáveis em boa parte pela criação deste ruído entre pessoas e cidade – talvez sem dar-se conta.

De qualquer maneira, após tanto tempo, e, sobre tudo, após a “tendência modernista” de geração de cidade, tem-se hoje em dia novos desafios e paradigmas contemporâneos onde a condição humana faz parte do centro de atenções. A preocupação pela dimensão humana da cidade reflete diretamente em uma demanda por espaços com maior e melhor qualidade urbana. Neste sentido, Jan Gehl coloca quatro princípios-alvo sobre os quais deve-se focar para atingir um patamar de humanização desejável das cidades. Para Gehl, a cidade humana é animada, segura, sustentável e saudável.

A “cidade animada” ganha força quando seus habitantes se apropriam do espaço público – andar de bicicleta, caminhar pelas ruas, sentar, etc. – construindo uma identidade pública coletiva. Com um maior número de pessoas no domínio público, fica mais fácil para a “cidade segura” se estabelecer. A quantidade maior de olhos pelas ruas e quarteirões aumenta o sentimento de segurança. Na mesma medida, a cidade passa a oferecer distâncias caminháveis e densidades agradáveis entre os variados usos, atividades e configurações de espacialidades distintas. Observando contextos e distâncias maiores, busca-se a “cidade sustentável”, que possui grande apoio nas redes de infraestruturas e de transporte público qualificadores e ordenadores do espaço público. Estas redes, quando utilizadas de maneira inteligente, tenderiam a otimizar os recursos, consumos e perdas econômicas e sociais proporcionando também o desenrolar de uma “cidade saudável”.

## **As escalas local e global**

Esse entendimento das diferentes escalas é crucial na demonstração das razões da arquitetura e do urbano. São os eixos, as linhas de movimento e de visada que em conjunto e de modo articulado compõem a espacialidade dos lugares; cidades, edifícios e interiores privados. As escalas local e global se sobrepõem e atuam simultaneamente nesse arranjo espacial. A escala local é aquela visível pela pessoa, a visualização in situ e seu entorno imediato, aquele trecho de rua, aquela esquina, o conjunto de ritmos de fachada que ali se relacionam. Ao apreciar essa escala local a pessoa estará simultaneamente vivenciando a escala global, ou seja, a condição espacial global na qual aquela situação local está imersa, ainda que não a esteja vendo.

No âmbito local um atributo crucial da condição de urbanidade é a constituição do espaço no sentido “hillieriano”, ou seja, a intensidade de ligações entre interiores privados e o espaço aberto público, através da ocorrência de portas e janelas. Essa característica relativamente banal seria talvez aquela mais negligenciada no desenho urbano modernista. Ainda na dimensão local contribuirá também na condição de urbanidade a forma geométrica ou, se quisermos, a dita dimensão de convexidade dos espaços. Aí entram, naturalmente, a largura e a altura dos espaços, largura das calçadas, relação destas com a dimensão do leito viário e outros tantos detalhes e desdobramentos. A urbanidade da forma urbana, em sua dimensão local, é assim constituída por uma miríade inesgotável de elementos e suas combinações.

A efetividade da escala global sobre uma determinada situação urbana é predominante, como ensina Hillier (1986). Pode-se dizer, na linha sugerida por Hillier, que uma mesma situação local resultará em outra

condição de urbanidade, isso porque terá um padrão de uso do espaço distinto daquele observado na localização anterior e, provavelmente, um grau de vitalidade, de animação, igualmente diferente daquele, estando todos os elementos da urbanidade globalmente estabelecidos e atuando de maneira sinérgica.

### **A relação entre público e privado**

É preciso que compreendamos os espaços públicos, suas características físicas e os elementos que os delimitam. Limites entre público e privado claros devem ser compreendidos em termos relativos “como uma série de qualidades espaciais que, diferindo gradualmente, referem-se ao acesso, à relação entre a propriedade privada e a supervisão de unidades espaciais específicas” (HERTZBERGER, 2006, p. 12).

“Porque a boa cidade é a que consegue dar valor público ao privado. E, assim como uma boa cidade é feita de boas casas, de boas lojas, de bons bares e bons jardins privados, ela também o é de passeios públicos, de monumentos e de edifícios representativos.” (SOLAMORALES, 2001, p. 106)

Do início do século XIX ao modernismo, muito mudou no modo de se enxergar as barreiras entre o público e o privado. E, ainda nos dias de hoje, o entendimento coletivo de espaço público e espaço privado é de caráter cultural. Hertzberger afirma que é importante existir uma delimitação clara entre o que é público e o que é privado, para que as pessoas se apropriem e cuidem de seu espaço. Todavia, prega que essa transição deve ocorrer de modo suave. O segredo seria “dar aos espaços públicos uma forma tal que a comunidade se sinta pessoalmente responsável por eles, fazendo com que cada membro da comunidade contribua à sua maneira para um ambiente com o qual possa se relacionar e se identificar.” (HERTZBERGER, 1996, p. 45)

Jan Gehl (2010) descreve e analisa uma boa transição entre o espaço público e o privado sob 6 aspectos: escala e ritmo – mantendo o foco na velocidade de percepção das pessoas; transparência; apelo aos diversos sentidos; texturas e detalhes nos elementos de transição; mistura de funções – fornecendo mais possibilidades de troca e experiências; ritmos verticais de fachada – para uma caminhada mais interessante. É conveniente lembrar que Gehl se refere a edificações que configuram a quadra, seguindo seu desenho, situação pouco comum na realidade brasileira.

### **A co-presença**

Essa vitalidade ou condição de animação de uma determinada situação urbana poder ser aferida através da co-presença de pessoas no espaço público. Ainda, que esse indicador, a vitalidade, e a urbanidade sejam condições conceitualmente distintas, a presença de pessoas no espaço público será a um primeiro indício, aquele mais básico, da condição de urbanidade, especialmente se essa co-presença for efetivada por pessoas com diferente poder de compra, etnia e religião. O conceito pode portanto ser entendido de um modo mais complexo, permitindo que falemos de tipos ou graus de urbanidade, em um processo de aferição onde contam, por um lado, as características ou qualidades dos lugares e, por outro lado, e a presença e a atitude das pessoas.

O recorte definido para aplicação deste método foi escolhido devido a sua importância histórica como berço do desenvolvimento urbano da cidade de Florianópolis. A região da Praça XV de Novembro e seu entorno foi o ponto de partida onde as primeiras relações urbanas do Centro de Florianópolis se estabeleceram e influenciam até hoje sua ocupação. A definição deste recorte objetiva que a análise não seja apenas local, compreendendo o todo da estrutura urbana onde a área central de Florianópolis está inserida.



## Metodologia

É importante que saibamos os causadores de urbanidade em um bom espaço público e também o que se pode fazer para que eventualmente este espaço seja ainda melhor. Caso o espaço não seja dotado de urbanidade, da mesma maneira, é importante entendermos as razões de seu mau desempenho. Para isto é necessário que se conheça os elementos de configuração e as variáveis relacionadas aos atributos deste espaço público.

O método de análise para este trabalho fundamenta-se em estudos que resultaram em “um método para se conhecer, saber observar, avaliar e, conseqüentemente, manipular, os principais atributos de um espaço público incidentes no seu desempenho sociológico, com vistas à obtenção da vida pública”. (TENÓRIO, 2012). A arquiteta Gabriela Tenório, em sua tese de doutorado – “Ao desocupado em cima da ponte. Brasília: arquitetura e vida pública” orientada pelo professor Frederico de Holanda da Universidade Federal de Brasília – procurou construir uma compreensão da relação espaço público x vida pública na cidade de Brasília. Ela reuniu estrategicamente as variáveis que sintetizou de autores nos quais baseou sua tese – entre eles, também, Jane Jacobs, Jan Gehl, Bill Hillier, Julienne Hanson e Frederico de Holanda. Gabriela reuniu vinte e sete elementos relacionados especificamente à análise de espaços públicos. Feito isto, estipulou uma gradação classificatória dos elementos que permitiriam classificar e comparar as áreas em estudo. Portanto, a análise do estudo de caso a ser apresentada levará em conta os principais atributos levantados por Gabriela Tenório, porém com uma abordagem analítica apresentada graficamente através de mapas e figuras que ilustrem estas análises (ao invés de tabelas e descrições como faz a autora).

Seguindo os passos de Tenório, será feito o conhecimento do objeto de estudo:

“A partir de um dado espaço público de nosso interesse, deve-se passar um tempo nele, para procurar conhecê-lo, ou vê-lo com outros olhos (se ele já é conhecido). Deve-se procurar acessá-lo de diferentes maneiras, em diferentes dias e horários, caminhar por ele, explorá-lo, vivenciá-lo, fotografá-lo, filmá-lo, conversar com seus usuários. Da mesma forma, deve-se procurar também conhecer a área da cidade à qual ele pertence. Idealmente, deve-se estudá-la em seu contexto urbano com ajuda de textos específicos, mapas, fotos aéreas, dados estatísticos, legislação. É importante aqui obter/elaborar um mapa o mais detalhado possível do lugar e seus arredores” (TENÓRIO 2012, pg. 180).

Paralelamente é feito o levantamento da vida pública, onde:

“deve-se observar os sujeitos e suas atividades: quantos são, quem são, o que estão fazendo, quando e onde estão fazendo; ver se estão realizando suas atividades com facilidade ou dificuldade. Esta observação deve ocorrer num dia de semana comum e num dia de fim de semana, durante os vários períodos do dia. A primeira etapa permitirá definir locais convenientes para isso” (TENÓRIO 2012, pg. 180).

E, partir daí, a avaliação da vida pública:

“vem da apreciação de variáveis reunidas no grupo itens de verificação, tendo-se em mente que sempre pode haver mais pessoas no lugar, as pessoas sempre podem ser mais variadas, e que elas sempre podem fazer mais atividades, por mais tempo, de melhor maneira” (TENÓRIO 2012, pg. 181). Com a avaliação da vida pública, é possível dizer, claramente se ele é ou não bem sucedido quanto a sua capacidade de gerar vida pública e em que medida. Também será possível dizer se isso é condizente com suas características e com seu papel na cidade, podendo assim, dar sequência ao próximo passo: a avaliação do espaço público.

Os elementos de Tenório que serão analisados detalhadamente a seguir se encaixam dentro destas categorias:

- a) Avaliação da vida pública: Sujeitos e Atividades
- b) Atributos Globais: Integração com o todo, Usos, Espaço livre público, Habitação e Mobilidade.
- c) Atributos Locais: Limites e dimensões do espaço público, Tipologia das edificações, Portas e janelas e Atividades no lugar

#### **4. SOBRE A VIDA PÚBLICA NO ENTORNO DA PRAÇA XV**

Mesmo com todo o conhecimento e ferramental que se tem hoje para se definir questões importantes sobre o desenho das cidades, não é pouco comum que decisões importantes resultem em padrões espaciais que desfavorecem a urbanidade. Esta constatação pode ser verificada de uma maneira muito simples: quando se tem espaços públicos vazios e/ou subutilizados. Entenda-se aqui espaço como vazio ou subutilizado os espaços com uma apropriação pobre, não diversificada e com uma distribuição irregular no tempo.

A verificação da vida pública diz respeito à análise das pessoas e suas atividades, no que se refere à quantidade, a identidade dos sujeitos, e a forma como realizam suas atividades. Esta avaliação foi realizada por observação *in loco* e fundamenta-se em autores como Jane Jacobs, Jan Ghel e Frederico de Holanda.

##### **Sujeitos**

Um espaço público é bem sucedido quanto à vida pública quando tem muita gente, gente variada e gente o tempo todo. Um espaço sem pessoas, mesmo que seja qualificado, “é ineficiente no que se refere ao suporte à vida pública e não pode ser considerado um espaço público bem sucedido” (TENÓRIO, 2012 pg. 205)

O entorno da Praça XV de Novembro certamente se caracteriza por ser uma das áreas mais democráticas e cosmopolitas de Florianópolis. Não é raro encontrar por lá tipos peculiares, que não se vê a todo lado pela cidade. No que se refere ao número de pessoas apresenta muita gente em relação às suas dimensões e ao papel que a área analisada representa para a cidade. Seja pela carga simbólica que carrega ao longo dos anos ou por sua zona de influência abastecida por todos os lados, é inegável que se trata de uma rede de espaço públicos que é apropriada por muita gente e gente diversa – homens, mulheres, jovens, idosos, ricos, pobres, diferentes tribos, etc.

Em um rápido passeio pelas tradicionais ruas Tenente Silveira, Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, à oeste da Praça XV de Novembro, observa-se o fluxo intenso de pedestres. São estudantes, comerciantes, camelôs, médicos, dentistas e advogados dividindo as calçadas e calçadões. Encontra-se por lá até loucos, alguns já figuras folclóricas. Em suas esquinas e cafés é cena comum se observar executivos de terno e camelôs de sandálias dividindo a bancada de lanches ou fumando um cigarro. Nas praças XV e Fernando Machado, point das barraquinhas de feirantes, é intenso o fluxo de pessoas que cruzam o centro de um lado a outro, passam pelo antigo terminal de ônibus em frente à Rua Antônio Luz e também pelo largo da alfândega e Mercado Municipal à oeste, em direção ao novo terminal de transporte urbano. As ruas Saldanha Marinho, Nunes Machado, João Pinto, Tiradentes e Vitor Meirelles são também muito conhecidas. Em um ou outro bar tradicional da cidade reúnem grande fluxo de pessoas e principalmente estudantes ao longo do dia. Porém, neste reduto nem tudo são flores. Conforme se caminha em direção à Avenida Hercílio Luz, à leste, trechos abandonados destas ruas abrigam moradores de rua e viciados em drogas em plena luz do dia, marcas da baixa urbanidade neste trecho do território.

É interessante observar como alguns grupos/tribos parecem se apropriar de lugares específicos, com elementos de composição espacial característicos como escadarias, marquises e travessas. Já no que se refere à apropriação das pessoas no tempo – ao longo do dia, noite e finais de semana – encontra-se uma deficiência neste “pré-requisito” à urbanidade. O movimento durante o horário comercial é muito maior do que fora dele, especialmente em finais de semana e feriados.

##### **Atividades**

Os espaços públicos devem abrigar um grande número de atividades, sejam proporcionadas pela constituição destes espaços ou a partir da iniciativa das pessoas. Os usos não programados podem ocorrer simultaneamente àqueles previstos e é isto que torna os espaços ricos e interessantes. Evidente que podem ocorrer atividades que não sejam de consenso, mas que possam coexistir mediante convenções pré-estabelecidas. As atividades inadmissíveis (por serem ilegais, imorais ou insalubres), devem ser coibidas. Convém ressaltar, como bem coloca Tenório, “na negociação das práticas admissíveis que tem

lugar a urbanidade, a grande oportunidade do aprendizado da convivência e do exercício da tolerância.” (TENÓRIO, 2012 pg. 208)

No que se refere às atividades, Gabriela coloca que um espaço público é bem sucedido quanto à vida pública quando tem gente passando o tempo todo, gente permanecendo, gente se encontrando (de forma não programada e programada), gente mantendo e vigiando (formal e informalmente) e gente realizando diversas atividades.

A atividade de passagem é a principal atividade necessária de um espaço público. Com esta leitura, a Praça XV de Novembro e seu entorno é um grande local de passagem, mas este fluxo não acontece de maneira homogênea. Os picos de fluxos nesta área estão concentrados no eixo das Ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra e cruzam a Praça XV de Novembro, perdendo força ao se aproximarem da área institucional na porção leste. Independente do motivo que faça com que as pessoas fiquem num local (passagem ou destino), o fato de permanecerem nele indica que o mesmo pode tornar-se uma escolha. O número de pessoas que permanecem no local é relativamente grande em determinadas faixas de horário, com ênfase a grupos de taxistas, vendedores ambulantes, casais de namorados, idosos, pessoas diversas em espaços externos associados às áreas de alimentação e comércio.

Ao proporcionar encontros aleatórios entre desconhecidos e conhecidos, que constitui a base da urbanidade, um espaço público é considerado de sucesso. Deve, contudo, também sediar encontros programados, o que indica que foi escolhido para tal fim. Os encontros, no recorte analisado, podem ser programados ou casuais, havendo certo equilíbrio entre eles.

Em alguns trechos específicos acontecem atividades tradicionais e representativas da identidade do lugar, é o caso da jogatina de dominó e cartas que acontece em frente à Catedral Metropolitana e os serviços de engraxate nas bordas da Praça XV. Além destes, também é sempre esperada a feira que acontece ao longo da Praça Fernando Machado, com barracas variadas e praticamente durante toda a semana.

## **5. SOBRE OS ATRIBUTOS GLOBAIS DO ENTORNO DA PRAÇA XV**

A estrutura da cidade e de suas partes afeta a urbanidade ao nível local. É preciso compreender e analisar a configuração da área da cidade à qual pertence o espaço público ou o trecho do território analisado, qual o papel que determinada área desempenha na cidade, dentro das dimensões sociológica e funcional.

Neste contexto, para favorecer a urbanidade, no que se refere aos aspectos sociológicos as áreas devem ser compactas e devem ser integradas. No que se refere aos aspectos funcionais, de maneira geral as áreas não devem ser monofuncionais, devem possibilitar diferentes tipos de moradias, bem distribuídas e com certa densidade, além de estimular a mobilidade do pedestre, ciclista e transporte público.

### **Integração com o todo**

Quanto maior o número de conexões e possibilidades de trajeto, melhor a distribuição de atividades, infraestruturas, meios de transporte e tempo de deslocamento.

Ao mesmo tempo em que outrora se caracterizou e organizou a distribuição dos núcleos de colonização (atualmente bairros de vocação turística) espalhados pela ilha, hoje em dia surge uma fragilidade em termos de integração da estrutura espacial da cidade. Como bem coloca Almir Reis, de uma estrutura integrada a partir de fluxos navais, passou-se a uma estrutura viária terrestre que apresenta um precário grau de integração e articulação urbana.

Com pode ser verificado nos mapas a seguir (05 e 06), as áreas de maior integração – representadas pelas cores mais quentes – concentram-se na região em que as duas penínsulas, continental e insular, se aproximam. Nota-se que os demais bairros da Ilha apresentam-se como áreas de baixa integração com o todo da estrutura urbana da cidade, representadas pelos tons de verde e azul. Portanto, é na região central

que se concentra não apenas a maior densidade do tecido urbano de Florianópolis, como também as áreas de maior diversidade de usos e atividades.

Ao se caminhar pelo centro, é positivo o repertório de elementos que possibilitam essas conexões, que nunca são demasiadas. Além das ruas e calçadas facilmente percebidos, são escadarias, galerias, passagens, passeios protegidos por marquises, que enriquecem a configuração espacial do recorte e favorecem a integração deste com o todo do bairro e cidade.

## **Mobilidade**

Consideramos que não se deve excluir totalmente a possibilidade do carro como meio de transporte, apenas – e com razão – as ações de caminhar, pedalar e utilizar o transporte público, por exemplo, devem ser experiências fáceis e agradáveis. Deve-se criar situações de maneira que o transporte público seja mais atraente do que o transporte individual. Isto reflete em ações que vão desde o desenho das vias e calçadas até a infraestrutura e modais de transporte existente.

Em Florianópolis a única opção de transporte público existente é o ônibus. Portanto, de maneira geral, pelas próprias características do entorno da Praça XV, trânsito lento, ruas estreitas, difícil manobra, o transporte público acaba não sendo atraente. Obviamente, devido a grande proximidade do terminal de ônibus central, a área é bastante abastecida por ônibus, porém este abastecimento se verifica na escala da cidade, não na escala local. Além disso, o grande número de estacionamentos privados e a falta de estrutura para bicicletas, por exemplo, faz com que o carro seja muitas vezes a primeira opção da população.

Os passeios públicos são sofríveis. Além de uma largura generosa dos passeios ser raridade, é comum que postes e mobiliário urbano obstruam as passagens. Desta maneira, os calçados das ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra destacam-se no centro como melhor opção para quem caminha no sentido leste-oeste.

## **Usos**

Diferentes autores, em especial Jane Jacobs, a partir dos anos de 1960, salientam que as zonas de uma cidade não devem ser monofuncionais. Gabriela Tenório ressalta que os usos devem estar bem distribuídos, se relacionarem e se complementarem e assim “favorecer o equilíbrio da cidade e diminuir o movimento pendular e seus efeitos danosos” (TENÓRIO 2012, p. 214). A variedade e a distribuição dos usos garantem que não haja esvaziamento em função do ciclo trabalho/ morar/ lazer. Ainda sobre os usos, é importante que os limites dos espaços públicos também proporcionem atividades variadas e que haja possibilidade destas se prolongarem para o espaço público.

Em relação aos usos, o entorno da Praça XV de Novembro possui os usos de comércio, serviços e institucional bastante representados em toda a sua área. Ainda há alguns pontos de uso residencial, porém não tão expressivos – porção leste e norte. Desta forma, os usos nas áreas contíguas aos espaços públicos, são variados, sendo que alguns deles se complementam e possuem horários de funcionamento que alimentam e garantem a vitalidade urbana durante o dia, e precariamente à noite e finais de semana.

Embora a distribuição das atividades seja garantida e razoável, a ocupação da área analisada não é homogênea durante todo o intervalo de tempo. Não há ofertas de bares, restaurantes, cinemas e vida noturnas, muito embora alguns trechos possuam forte vocação para tal, como ensina a porção leste à praça com alguns tradicionais bares.

O uso misto está previsto através do zoneamento da área, mas também é ratificado internamente às edificações, que possuem usos diferenciados:

- a) Edificações predominantemente de serviços, mas com comércio no térreo permitindo que o mesmo se desenvolva ao longo das vias possibilitando que as fachadas se relacionem diretamente com a rua. No caso das edificações institucionais e residenciais exclusivas esta relação com o térreo fica prejudicada.

- b) A torre é composta com atividades variadas (predominantemente comércio, serviços e em menor escala a habitação). Em alguns casos o uso habitacional das torres estão sendo gradativamente substituídos por serviços – são os flats e kitnetes;

### **Espaço livre público**

A literatura trabalhada nos mostra que as cidades não devem ter um percentual muito grande de espaços abertos em relação a sua área total. Devem ser compactas, otimizando assim sua rede de infraestruturas, transporte, deslocamentos e tempo das pessoas.

“Embora uma cidade precise tanto de espaços públicos pequenos quanto grandes, são os espaços públicos menores que aproximam as atividades, viabilizando sua complementariedade, favorecendo deslocamentos a pé ou de bicicleta e a concentração de pessoas, possuindo uso mais secular.” (TENÓRIO, 2012, p. 213)

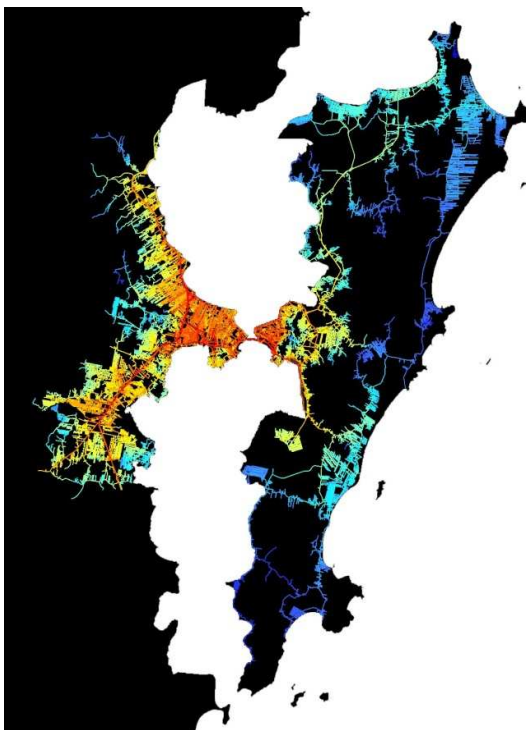
O recorte analisado apresenta uma boa proporção de espaços públicos livres versus espaços privados ou de acesso restrito. Com exceção do conjunto formado pelas praças XV, Fernando Machado e Largo da Alfândega, que possuem uma área livre relativamente grande, porém em escala adequada em relação ao papel simbólico que representam para a cidade, os espaços livre públicos de maneira geral possuem pequenas áreas de convexidade. A lógica em que as edificações configuram as fachadas das ruas aproxima as pessoas e atividades. Estas áreas podem ser melhor observadas a partir do Mapa 07.

### **Habitação**

Em relação aos usos, a habitação merece um tratamento especial, pois “... favorece o vínculo e a identidade dos moradores com a área da cidade onde se encontram, da qual tendem a cuidar informalmente.” (TENÓRIO 2012, p. 214). A autora destaca que as áreas devem oferecer diferentes tipos de moradia, que devem estar bem distribuídas e possuir certa densidade, além de que a previsão de diferentes tipos de moradia abriga pessoas diversas, evita locais com população homogênea, tanto em termos socioeconômicos, como em termos de gênero, faixa etária e estado civil.

As unidades habitacionais existentes na região da Praça XV de Novembro e seu entorno não compõem uma variedade de tipos que atende a diversas necessidades em uma mesma edificação, dificultando a existência simultânea de arranjos familiares e perfis de usuários diversificados em termos de gênero, faixa etária e estado civil, criando uma dinâmica de convívio e de permanência próprias. No que se refere às questões socioeconômicas, as diferenças são significativas, pois há imóveis mais antigos e menos valorizadas que permitem a aquisição e/ ou aluguel por valores mais baixos.

A área analisada além de não apresentar uma grande variedade de tipos habitacionais, possui proporcionalmente poucas áreas de uso habitacional, que, se fosse mais equilibradas, tenderiam a gerar uma densidade suficiente aos espaços públicos, estando bem distribuídos em todo o seu território e localizados em edificações que contemplam também, o uso de comércio e de serviços – em todos os horários, dificultando o efeito pendular de uso.

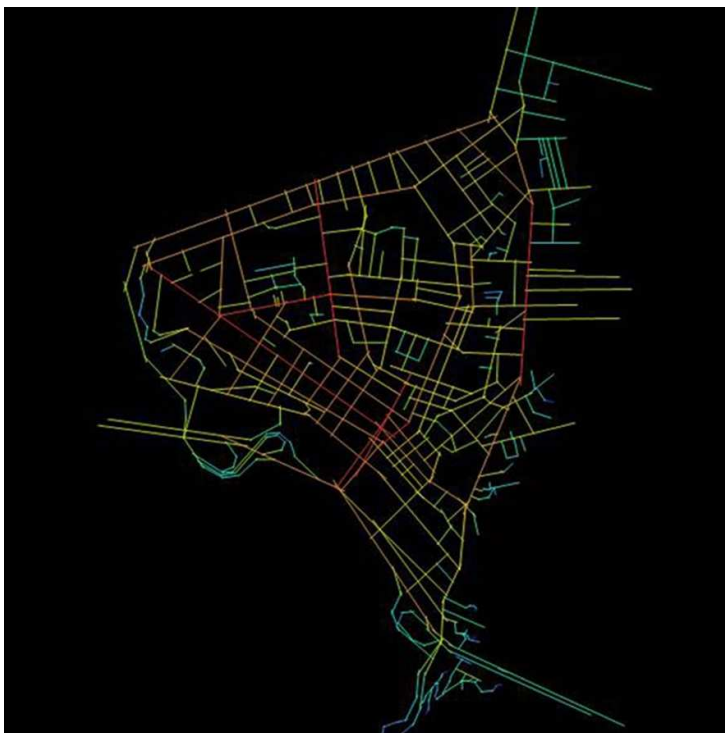


**Mapa 05 – Mapa de integração da cidade de Florianópolis.**

As cores mais quentes representam as possibilidades de trajeto mais integradas com o todo da estrutura urbana. Observa-se entre as baías a área central da cidade. Os bairros do Norte, Leste e Sul da Ilha possuem menor integração na estrutura do todo.

Fonte: produzido pelo autor sobre imagem gentilmente cedida pelo Prof. Almir Reis.

Escala 1:400.000



**Mapa 06 – Destaque para a integração do Centro da cidade.**

As cores mais quentes representam as possibilidades de trajeto mais integradas com o todo da estrutura urbana.

Escala 1:20.000

## **6. SOBRE OS ATRIBUTOS LOCAIS DO ENTORNO DA PRAÇA XV**

Ao compreender o papel do espaço público e da área ao qual pertence no contexto da cidade, é preciso verificar as características presentes nele e os elementos que o configuram. As análises a seguir contemplam estas questões com ênfase nas dimensões sociológica e funcional.

### **Limites e dimensões do espaço público**

Os espaços públicos devem ter limites claros e dimensões proporcionais às suas características, sendo que os elementos que os delimitam devem ser tridimensionais, claros, contíguos e acompanhar seu desenho, além de possuir uma clara separação entre o público e o privado.

O espaço público relacionado ao recorte analisado compreende a Praça XV de Novembro, a Praça Fernando Machado, o Largo da Catedral e o Largo da Alfândega, bem como o passeio que os circundam, as ruas e os passeios que limitam as vias das edificações.

O padrão urbano existente está definido pela configuração da edificação, sua altura e função, bem como questões relacionadas à constituição da via, que enfatiza, em algumas delas, a prioridade ao pedestre e o uso compartilhado de veículos, bicicletas e pedestres. Em toda a extensão deste recorte as edificações estabelecem uma relação direta com o passeio e a via uma vez que estão alinhadas exatamente no limite do passeio, limitando e influenciando o comportamento social. Neste contexto, destaca-se:

- a) A Praça XV de Novembro, localizada na área central do recorte analisado;
- b) O Largo da Catedral, localizado ao norte da Praça XV de Novembro;
- c) A Praça Fernando Machado, localizada ao sul da Praça XV de Novembro;
- d) O Largo da Alfândega;
- e) O Terminal Cidade de Florianópolis, atualmente desativado;
- f) Algumas das vias existentes são exclusivas para pedestres e outras compartilhadas;
- g) As demais ruas deste recorte compartilham diversas atividades com características de passagem, permanência e de outras atividades associadas aos espaços públicos abertos.

Os mapas 07 e 08 nos permitem visualizar a proporção entre o espaço aberto acessível em relação ao espaço total da área analisada. A partir da análise desta configuração conclui-se que:

- Os espaços públicos deste recorte possui limites claros, definidos e contínuos, com dimensões na maioria das vezes proporcionais às atividades propostas, com exceção daqueles limítrofes ao aterro da Baía Sul;
- Os limites dos espaços públicos constituídos pelas edificações formam uma clara separação entre o público e o privado e as atividades existentes no térreo das edificações relacionam-se ao comércio, serviços e o uso institucional;
- A transição entre o fechado e o aberto se desenvolve de maneira abrupta, evidenciando a separação entre público e privado que é bastante clara. Não há espaços de transição qualificada entre o aberto (público) e o privado (fechado);
- Apesar de buscar a acessibilidade com enfoque no pedestre, nem sempre os passeios estão bem dimensionados, as esquinas niveladas, e existem poucas áreas cobertas para circulação de pedestres;





## Tipologia das Edificações

Edificações de diferentes tipos e características abrigam diversidade de pessoas e de atividades.

A Praça XV de Novembro e seu entorno possui edificações que incorporam diferentes usos, diferentes usos na mesma edificação (não apenas nos térreos, mas também nos pavimentos superiores). Porém há pouca variação das tipologias habitacionais variadas que permitiriam a convivência de diferentes arranjos familiares. Existe a convivência simultânea de edificações mais antigas com outras mais recentes, o que possibilita imóveis mais antigos a preços mais acessíveis. Esta temporalidade reflete a diversidade dos materiais de acabamento das edificações, com diferentes texturas e tons por onde se caminha. Analisando a tipologia das edificações existentes, destacamos:

- As edificações históricas são na sua maioria de dois pavimentos com elementos estabelecem uma relação direta com a rua possuem equilíbrio dos elementos abertos e fechados das fachadas.
- As edificações verticalizadas são compostas pela base, torre e coroamento, nem sempre estabelecendo uma relação clara entre estas partes, que resultaria numa fachada de rua mais equilibrada. Em alguns casos a base da edificação privilegia a relação com o pedestre principalmente quando o térreo comercial está no nível da rua. Em alguns casos ocorre o contrário, principalmente quando o térreo é elevado ou ocupado por garagens.
- Não há elementos associado as estes espaços comerciais que possibilitem a transição do espaço fechado para o espaço aberto através de áreas cobertas, bem como uma transição entre o público e o privado, excetuando-se algumas marquises em determinados pontos que, porém, sofrem descontinuidade;
- As edificações existentes apresentam gabarito variado, de 01 a 12 pavimentos conforme a época de sua construção e legislação vigente.



**MAPA 10 – Gabarito das edificações no recorte analisado.**

Fonte: Pesquisa do autor sobre mapa cadastral.

Escala 1:4000

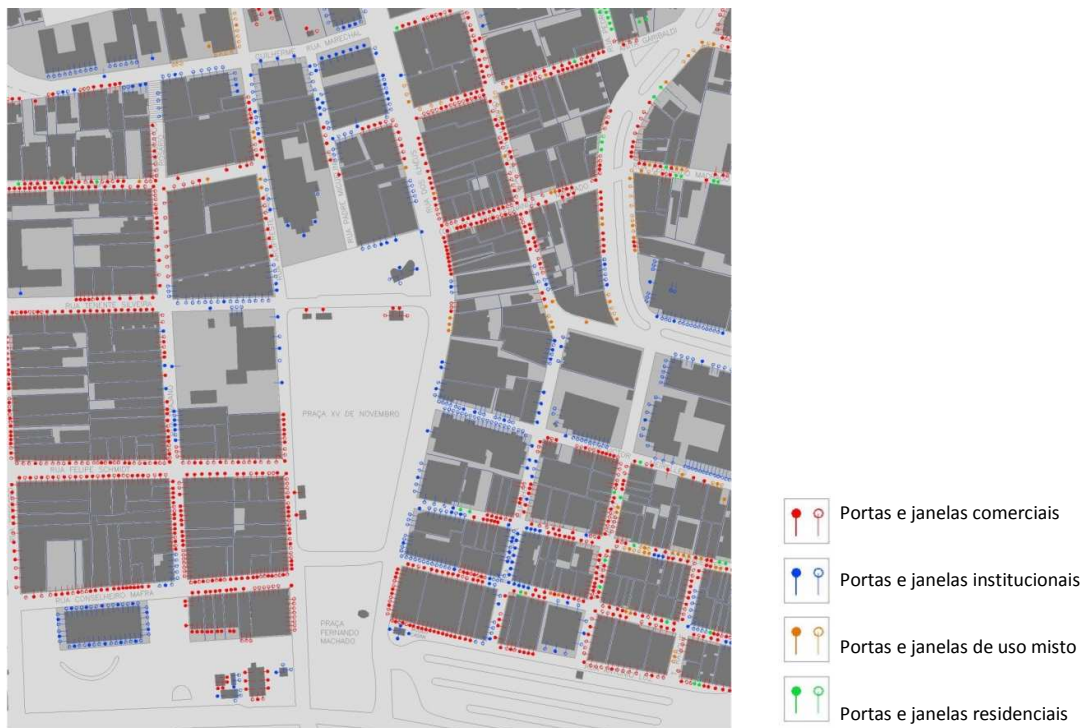
## Portas e Janelas

Os limites entre o público e o privado devem conter muitas portas e janelas que se abrem para o espaço público, uma vez que proporcionam vigilância informal e estabelecem uma relação entre o habitante e o passante. Jane Jacobs chama essas transições entre o público e o privado de “olhos da rua”. É importante que estes limites possuam elementos que propiciem a interação e a transição entre o público e o privado o que favorecerá a permanência das pessoas no espaço público. As portas são responsáveis pela alimentação dos espaços públicos na escala local, e se constituem nos elementos da transição entre o interior e o exterior, entre o público e o privado.

Os espaços públicos existentes na região da Praça XV de Novembro e seu entorno são permeados por uma relação intensa entre o público e o privado. Neste sentido, o térreo das edificações, quando comerciais na sua maioria mantém comunicação direta com os espaços públicos.

Em relação as edificações existentes, no que refere à proporção de aberturas para o espaço público e a permeabilidade visual das fachadas que se abrem para estes espaços, podemos destacar:

- As fachadas comerciais são compostas por portas e janelas que possibilitam a permeabilidade visual, estabelecendo uma relação interior exterior;
- As portas e janelas das áreas residenciais e institucionais são mais restritivas, denotando um maior isolamento das áreas públicas.



**Mapa 11 – Portas e janelas no recorte analisado.**

Fonte: Pesquisa do autor sobre base cadastral.

Escala 1:4.000

## Atividades no Lugar

Jan Gehl classifica as atividades nos espaços públicos em necessárias, opcionais e sociais enfatizando que o espaço público de boa qualidade favorece a todas elas. Em espaços qualificados, as atividades duram mais tempo. Em função destas características os espaços públicos se configuram apenas como passagem ou, ainda, propícios a encontros e de permanência.

Na região da Praça XV de Novembro e seu entorno os espaços de transição entre o público e o privado bem como espaços públicos:

- Se relacionam com o uso predominante dos térreos das edificações e, em alguns casos, possuem mobiliário urbano e vegetação adequados a estas necessidades buscando atender ao tipo de permanência característico de cada uma das áreas;
- Dotados passeios e de vias, algumas com características de rua compartilhada, com paginação de piso específica e orientativa, outras destinadas a pedestres;
- Com predominância de passagem, algumas destas áreas tem características de descanso, contemplação e permanência dotadas de mobiliário e vegetação adequados;
- Muitos deles possibilitam a realização de atividades externas e transitórias, como é o caso das feiras, shows, eventos religiosos, entre outros.



**Mapa 12 – Usos do solo do recorte analisado.**

É evidente a predominância dos usos comercial e institucional. O uso habitacional aparece pontualmente.

Fonte: Pesquisa do autor.

Escala 1:4.000





**Mapa 13 – Usos no térreo das edificações.**

Os usos definidos para os térreos das edificações determinam eixos com uma maior diversidade de comércio e serviços.

Fonte: Pesquisa do autor sobre mapa cadastral.

Escala 1:4.000



**Mapa 14 – Atividades diurnas e noturnas no recorte.**

O entorno da Praça XV, assim como o Centro em geral, possui poucas áreas em que acontecem atividades no período noturno.

Fonte: Pesquisa do autor.

Escala 1:4000

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo de caso do Centro de Florianópolis, procurou-se evidenciar neste trabalho o modo como as pessoas e o espaço-público se relacionam e qual a importância de uma efetiva apropriação para que obtenhamos cidades mais vivas e interessantes. A urbanidade foi estudada a partir da forma urbana e da arquitetura que a condiciona, fazendo uma análise do ambiente construído em diferentes situações e seus reflexos nos usuários da área analisada. Foi feito uma conexão histórico-conceitual a fim de contextualizar o momento pelo qual passa a cidade contemporânea brasileira, e assim, Florianópolis.

A estrutura urbana de Florianópolis e de seu centro é reflexo do processo histórico que a condiciona desde a fundação de seu núcleo inicial até os dias atuais. O interessante é que não é pouco comum que elementos urbanos oriundos da colonização morfologicamente favoreçam mais as trocas e relações sociais no espaço público do que as práticas mais recentes. Este não é um privilégio de Florianópolis, pois se sabe que o modelo de desenvolvimento e expansão urbana que orienta o crescimento das cidades do Brasil nas últimas décadas resulta muitas vezes em um processo de fragmentação espacial que desfavorece a urbanidade.

Este processo conduz irremediavelmente ao esvaziamento paulatino e à degradação das antigas centralidades. O centro deixa, aos poucos, de ter um contingente habitacional que valide sua vitalidade constantemente. Esta realidade se verifica no caso de Florianópolis. As áreas residenciais principais saíram do centro histórico e migraram para o centro expandido e outros bairros, fazendo com que em alguns trechos não exista apropriação fora do horário comercial ou finais de semana e, em outros trechos, as atividades outrora desenvolvidas sejam prejudicadas.

Por outro lado, apesar deste processo pelo qual passa, o Centro de Florianópolis representa claramente a área mais integrada da cidade, constituindo um referencial funcional e simbólico para seus cidadãos. O Centro é o principal destino da cidade e de sua região metropolitana. Em especial o entorno da Praça XV, representa fortemente um lugar de diversidade de pessoas, tipos, usos e atividades. Ou seja, o principal atributo da urbanidade local que seria a integração com o todo da estrutura urbana, se verifica presente

Os conjuntos urbanos configuradores dos espaços convexos, construídos na escala do pedestre, com espaços públicos correspondentes em proporção adequada, podem ser revitalizados. Novos usos e atividades podem ser incentivados, principalmente o retorno da habitação no centro, resultando em uso misto e variado e densificando esta área com consistência. Deve-se buscar a mistura e sinergia entre os espaços públicos e privados, cada qual cumprindo sua função e reforçando a do outro, transformando a cidade em uma rede de lugares estimulantes. É preciso se orientar e organizar a cidade para uma rede de transporte dinâmica e variada em seus modais, cada qual adaptado a uma situação, à sua escala.

Por fim, o trabalho lança um incentivo para a busca pelo desenvolvimento e reforço dos atributos espaciais que qualificam a vida urbana no centro da cidade, reafirmando seu potencial de urbanidade em termos locais e proporcionando uma efetiva integração com o todo da estrutura urbana em que está inserido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYMONINO, Carlo. O significado das cidades. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

GEHL, Jan. Cities for people. Washington: Island Press, 2010.

HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HILLIER et al. "Space Syntax: A different urban perspective". In: *Architecture Journal* 4. London, 1983.

HOLANDA, Frederico (org.) Arquitetura & Urbanidade. São Paulo: Pro-editores, 2003.

HUET, Bernard. O centro da metrópole: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome, 2001. 199 p

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REIS, Almir Francisco. Forma e Apropriação dos Lugares Públicos. Um Estudo Sintático do Centro de Florianópolis. Brasília, 1994. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano), Instituto de Arquitetura e Urbanismo – UNB.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SITTE, Camilo. A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos. Monteiro de Andrade. Carlos Roberto (org) e Henrique, Ricardo Ferreira (trad.). São Paulo: Editora Ática, 1992.

SOLÁ-MORALES. Manuel de. Las formas de crecimiento urbano. Barcelona: Edicions UPC, Barcelona, 1993.

TENÓRIO, Gabriela de Souza. Ao Desocupado em Cima da Ponte. Brasília, Arquitetura e Vida Pública. Tese de Doutorado UNB. 2012

VEIGA, Eliane Veras da. Florianópolis: Memória Urbana/Eliane Veras da Veiga – 3. Ed. – Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.